



A IMPORTÂNCIA DA TELEMEDICINA NA PANDEMIA DO COVID-19

TEIXEIRA, Maira Garcia.¹
CHAVES, Victoria Schuch Borges.²
GALVÃO, Wilton Lopes.³
MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata.⁴

RESUMO

Introdução: este trabalho contempla a importância da telemedicina com a Pandemia do Coronavírus 2019. **Objetivo:** tem por objetivo avaliar quais foram as contribuições da telemedicina durante a pandemia Coronavírus para a saúde global. **Metodologia:** Foi realizada uma Revisão Bibliográfica de artigos sobre Telemedicina e Coronavírus, o qual o critério de exclusão foram artigos publicados antes do ano 2020.

PALAVRAS-CHAVE: Telemedicina, COVID-19.

1. INTRODUÇÃO

Telemedicina pode ser definida como o uso das tecnologias de informação e comunicação na saúde, objetivando a oferta de serviços ligados aos cuidados com a saúde, especialmente nos casos em que a distância é um fator relevante.

Acesso, equidade, qualidade e custo são os principais problemas enfrentados pelos sistemas de saúde em todo o mundo, no qual a população se apresenta cada vez mais longeva e que há mudanças nas características de saúde e doença, com a prevalência de doenças crônicas.

Nesse contexto, a telemedicina vem sendo importante na ferramenta para o enfrentamento dos desafios contemporâneos dos sistemas de saúde no mundo inteiro. A maioria dos serviços de telemedicina que incide sobre diagnóstico e manejo clínico já é oferecida nos países desenvolvidos. Ademais, dispositivos de medição biométricos são cada vez mais usados para acompanhar e tratar a distância os pacientes com doenças agudas e crônicas. Assim, a telemedicina tem o potencial de solucionar grandes desafios da saúde, ampliando o acesso a serviços médicos especializados a locais que não os apresentam, na melhoria da qualidade da atenção à saúde, na redução do tempo gasto entre o diagnóstico e a terapia, na racionalização de custos e no apoio à vigilância epidemiológica, auxiliando no diagnóstico e rastreamento de problemas de saúde pública¹.

¹ Aluno do Curso de Medicina do Centro Universitário FAG. E-mail. mairagteixeira@hotmail.com

² Aluno do Curso de Medicina do Centro Universitário FAG. E-mail. vickybborges@gmail.com

³ Aluno do Curso de Medicina do Centro Universitário FAG. E-mail. wilton_lopes@live.com

⁴ Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. Professor do Centro Universitário FAG. E-mail: eduardo@fag.edu.br



2. DESENVOLVIMENTO

Indiscutivelmente, os avanços tecnológicos estão presentes no dia-a-dia e são muito importantes para o desenvolvimento da sociedade, inclusive na medicina. Segundo Chaet *et al* (2017), esse avanço na área médica e na obtenção de informações, está alterando a maneira de como os médicos e pacientes interagem. Isso é perceptível diariamente, quando se enxerga pessoas procurando respostas sobre seus sinais e sintomas em sites de pesquisas.

A telemedicina, segundo os centros de Comunicação Medicare, é a comunicação entre médico e paciente em tempo real que estão em um local distante. De acordo com Chaet *et al* (2017), a telemedicina surge como uma nova forma de prestar atendimento em saúde. Ou seja, é uma ferramenta utilizada para levar atendimento médico para pessoas que por alguma dificuldade não o tem. Porém, esse método de atendimento torna inviável a realização do exame físico por parte do médico, podendo trazer dificuldades para realização do diagnóstico e avaliação do paciente.

“As vantagens de tais consultas incluem maior acesso para os clinicamente carentes, melhor acesso para as crianças das zonas rurais e urbanas, melhor atendimento por meio de uma avaliação mais rápida e precisa do que a que pode ser fornecida por consulta por telefone e menor custo para o sistema de saúde e para o paciente família” (BRUCK, 2015, p. 3) telemedicina pediatria.

Segundo Bruck *et al* (2015) a teleprática vai envolver um vínculo entre o médico e o paciente que pode estar em uma creche ou escola. Ela não vai substituir a visita pessoal, mas sim complementar. Um estudo de revisão sistemática, demonstrou que a telemedicina se demonstra eficaz em vários casos, porém, em outros, as evidências ainda são poucas, mas promissoras.

2.1 TELEMEDICINA E COVID

No fim do ano de 2019, iniciou-se um surto causado pelo novo Coronavírus na cidade de Wuhan na China e posteriormente tornou-se uma pandemia, que ainda está trazendo impactos diretos na vida das pessoas, na economia e nos sistemas de saúde dos países afetados. A estratégia de resposta incluiu diagnóstico precoce, isolamento do paciente, monitoramento sintomático dos contatos, bem como casos suspeitos e confirmados, e uma quarentena de saúde pública (OHANNESSIAN, 2020).



Mesmo com todas as medidas de restrição e sanitárias, a alta taxa de transmissão do vírus fez com que os sistemas de saúde do mundo entrassem em colapso. Além disso, essas medidas de quarentena e restrições e o grande número de atendimentos destinados a pacientes com Covid-19, interrompeu o atendimento de rotina daqueles pacientes que não tinham Covid-19.

Nesse contexto, Ohannesian (2020) refere que a telemedicina tem sido promovida e ampliada para reduzir o risco de transmissão do Sars-Cov-2 e conseguir levar atendimento médico para todos os pacientes que necessitam. Ainda, segundo ele, a telemedicina já demonstrou ser eficaz em surtos que ocorreram com outros vírus.

Ainda com base em Ohannesian (2020) as melhorias tecnológicas foram responsáveis por reduzir os custos das soluções de telemedicina, já que agora houve uma disseminação de uma internet de alta velocidade, além da facilidade do uso de smartphones. Com isso foi capaz de ter a implantação de teleconsultas por vídeo (com o paciente estando em casa e o médico no consultório).

Para que as consultas por telemedicina possam acontecer, “duas possibilidades estão disponíveis atualmente para os pacientes: 1º - telemedicina direta ao consumidor com provedores privados que dependem principalmente do pagamento direto ou do seguro privado. 2º - soluções gratuitas, principalmente de empresas sediadas nos Estados Unidos (por exemplo, WhatsApp, Skype ou Facetime), que podem não respeitar os requisitos nacionais de privacidade e segurança de dados de saúde” (OHANNESIAN. 2020, p. 2)

Com base em Rosangela Caetano *et al* (2020), algumas consultas podem ser feitas por meio das plataformas online, evitando visitas presenciais como por exemplo: revisões de doenças crônicas, aconselhamento ou outras terapias – psicoterapia para crianças e idosos baseado em entretenimento online – dessa forma, é possível cuidar da saúde mental, sem o paciente precisar se deslocar de sua casa.

Caetano *et al* (2020) ainda reforça que é necessário combater o impacto da covid-19, porém, é necessário que os pacientes prossigam nos atendimentos clínicos. Em muitos países, os atendimentos foram reduzidos ou até mesmo interrompidos. Deve-se levar em conta que esses pacientes possuem comorbidade que precisam de acompanhamento como por exemplo: hipertensão arterial, cardiopatias, doenças respiratórias crônicas e outras e que podem ser potencializadas pelo COVID-19.

Para concluir Rosangela Caetano *et al* (2020) se refere à telessaúde como um componente para aumentar a capacidade de combate ao coronavírus e junto a isto manter os serviços de saúde



funcionante. Além disso, se for usado de maneira efetiva a telemedicina provavelmente será aceita pela população e terá aceitação do governo.

Um estudo publicado por Accorsi *et al* (2020), visou estratificar a efetividade de encaminhamentos de pacientes via telemedicina baseado em seus sintomas e com base na prevalência de sintomas mais referidos pelos pacientes a partir da ferramenta. Foram analisados 500 pacientes, com relação às comorbidade que estavam ligadas novo Coronavírus estiveram entre as mais frequentes com 8,2% as doenças pulmonares crônicas, em segundo lugar apareceu hipertensão (6,2%), obesidade estando em terceiro lugar (5%) e diabetes, doenças cardiovasculares e tabagismo na sequência.

O estudo de Accorsi *et al* (2020), ainda ressalta que dos pacientes que buscaram contato através da telemedicina 41,4% disseram estar com Covid-19, fazendo o próprio diagnóstico e quase 1/5 dos entrevistados, mesmo estando durante a pandemia, acreditaram que seus sintomas estavam relacionados com gripe, resfriado e pneumonia. A maior parte dos pacientes que ligaram possuíam relação com o medo de estar contaminado pela doença (43%) e em segundo lugar representando 7,6% apareceram pessoas com medo de serem encaminhados para algum centro de emergência.

Com relação aos sintomas mais relatados na pesquisa de Accorsi *et al* (2020), apareceram a tosse em primeiro lugar (74,4%), sendo rinorreia (65,6%) e dor de garganta (38,6%) outros sintomas bastante relatados pelas pessoas que fizeram contato pela telemedicina. Com relação aos sinais vitais, alguns pacientes aferiram com aparelhos que possuíam em casa, sendo a febre o sintoma mais relatado pelos pacientes, cerca de 9,4%.

O estudo de Accorsi *et al* (2020), conclui então que a tecnologia vem para somar, trazendo uma prestação de cuidados de alta qualidade. Com a pandemia houve uma desmistificação sobre a telemedicina mostrando que podem ser feitas abordagens que podem ser efetivas. A telemedicina também consegue fazer com que os profissionais da saúde sejam poupados do contato com pacientes infectados pela doença, evitando assim o uso inadequado dos serviços de saúde.

Hodgkings (2021) concorda que mesmo antes do SARS-CoV-2, já estava claro que a telemedicina estava se tornando uma plataforma viável para os médicos fornecerem serviços clínicos. Ela fornece práticas médicas, especialmente práticas com recursos limitados, uma forma de aumentar os serviços diretos ao consumidor (pacientes) e manter a continuidade dos cuidados para seus pacientes, que é um componente vital de um atendimento de qualidade.

Muitos médicos tem incerteza quanto à escalabilidade da telemedicina na prática de rotina, uma vez que os mandatos de emergência terminaram. Embora os resultados da pesquisa de 2019 indiquem



que os médicos estão cada vez mais procurando integrar telemedicina e tecnologias móveis de saúde nas práticas médicas, para que possam compreender e gerenciar os pacientes com doenças crônicas fora do ambiente de prática.

Segundo Hodgkins (2021), com o surgimento do SARS-CoV-2, estimulou-se um aumento exponencial no uso da Telemedicina e criou-se um grande interesse em como as soluções digitais podem afetar o atendimento, mas muitas perguntas ainda permanecem sem resposta. É necessário ver essa atual crise como um desafio e uma oportunidade para avaliar o impacto das ferramentas digitais sobre o acesso aos cuidados dos pacientes, a qualidade dos cuidados e o impacto financeiro no sistema de saúde.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os avanços da tecnologia trouxeram para a área médica uma nova maneira de realizar atendimentos, que se chama telemedicina. Ela é a comunicação entre médico e paciente que estão em locais distantes, levando atendimento para diversos locais que antes não tinham. Além disso, diante da pandemia do Covid-19, a procura por atendimentos médicos cresceu muito, e a telemedicina auxiliou a suprir a demanda por esses atendimentos.

No entanto, apesar de a telemedicina facilitar o atendimento médico, esse meio de atendimento impede o médico de realizar algumas etapas do que se diz a respeito de uma boa consulta médica, que se inicia desde a inspeção - o exame físico no paciente, que é muito importante para avaliar as condições clínicas e auxiliar no diagnóstico.

Diante disso, concluímos que a telemedicina é uma ótima ferramenta para levar o atendimento médico para locais que não tinham acesso, porém, não pode substituir o atendimento presencial e sim servir como uma ferramenta de complemento.



REFERÊNCIAS

CHAET, D. M. S. B. *et al.* Prática ética em Telessaúde e Telemedicina. **Journal of General International Medicine**, 26 jun. 2017. Acesso em: 21 jun. 2023

ACCORSI, T. A. D. *et al.* Assessment of patients with acute respiratory symptoms during the COVID-19 pandemic by Telemedicine: clinical features and impact on referral. **Einstein (São Paulo)**, [S.L.], v. 18, p. 1-8, 2020. Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein. http://dx.doi.org/10.31744/einstein_journal/2020ao6106. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/m4CHMqDFy5BkLkyjXmfPv4t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2023.

BURKE JUNIOR, B. Telemedicina: Aplicações Pediátricas. **Pediatrics, Official Journal Of The American Academy Of Pediatrics**, [Si], v. 136, n. 1, p. 293-308, jul. 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5754191/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

CELUPPI, I. C. *et al.* Uma análise sobre o desenvolvimento de tecnologias digitais em saúde para o enfrentamento da COVID-19 no Brasil e no mundo. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 37, n. 3, p. 320-326, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00243220>. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2021.v37n3/e00243220/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CAETANO, R. *et al.* Desafios e oportunidades para telessaúde em tempos da pandemia pela COVID-19: uma reflexão sobre os espaços e iniciativas no contexto brasileiro. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 36, n. 5, p. 320-326, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00088920>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/swM7NVTnYRw98Rz3drwpJf/?lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2023.

OHANNESSIAN, R.; DUONG, T. A.; ODONE, A. Global Telemedicine Implementation and Integration Within Health Systems to Fight the COVID-19 Pandemic: a call to action. **Jmir Public Health And Surveillance**, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 188-192, 2 abr. 2020. JMIR Publications Inc.. <http://dx.doi.org/10.2196/18810>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7124951/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

MALDONADO, J. M. S. DE V.; MARQUES, A. B.; CRUZ, A. Telemedicine: challenges to dissemination in Brazil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 32, n. suppl 2, 2016. Acesso em: 19 jun. 2023.

HODGKINS, M., BARRON M., JEVAJY S., LLOYD S. Physician requirements for adoption of telehealth following the SARS-CoV-2 pandemic. **NPJ Digit Med**. v. 9, n. 4 (1), feb, 2021.